



VESTIR SORRISOS PARA VIVER DOMINGOS: MEMÓRIAS E AFETOS NARRADOS NO LIVRO ILUSTRADO *A AVÓ AMARELA*

WEARING SMILES TO LIVE SUNDAYS: MEMORIES AND AFFECTIONS NARRATED IN THE PICTURE BOOK A AVÓ AMARELA

Fabiola Vasconcelos  <https://orcid.org/0000-0002-1908-3059>
Universidade Federal de Campina Grande
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino
fabiolacordeiro@uol.com.br

Márcia Tavares  <https://orcid.org/0000-0003-3359-7766>
Universidade Federal de Campina Grande
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino
marcia.tavares@professor.ufcg.edu.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.11266136>

Recebido em 19 de agosto de 2023

Aceito em 25 de novembro de 2023

Resumo: O talentoso trabalho de jovens autoras vem enriquecendo a literatura infantil brasileira, contribuindo para consolidar a participação da autoria feminina no âmbito literário, num processo que integra uma luta histórica das mulheres para ocupar espaços que, ao longo de muito tempo, estiveram reservados exclusivamente ao gênero masculino. Hoje, participando da produção de criativos e surpreendentes livros infantis ilustrados, novas escritoras e ilustradoras vêm criando livros que tratam de variados e instigantes temas e, através de uma articulação muito bem-sucedida entre palavras e imagens, têm sido avaliados como muito qualificados e, por isso, agraciados em importantes premiações. Neste texto, destaca-se a narrativa *A Avó Amarela*, construída a partir das memórias e palavras da neta narradora Júlia Medeiros e ilustrada com os desenhos, pinturas e colagens da artista Elisa Carareto, criadoras que, com muita poesia, sensibilidade e talento, explicitam a qualidade e o potencial da produção feminina no universo dos livros para crianças e da literatura em geral.

Palavras-chave: Livro infantil ilustrado. Autoria feminina. Escritora. Ilustradora. Narrativa.

Abstract: The talented work of young authors has been enriching Brazilian children's literature, contributing to consolidate the participation of female authorship in the literary field, in a process that integrates a historical struggle of women to occupy spaces that, over a long time, were reserved exclusively for the male gender. Today, participating in the production of creative and surprising children's picture books, new writers and illustrators have been creating books that deal with varied and thought-provoking themes and, through a very successful articulation between words and images, have been evaluated as very qualified and, therefore, awarded in important awards. In this text, we highlight the narrative *A Avó Amarela*, built from the memories and words of the narrator granddaughter Júlia Medeiros and illustrated with the drawings, paintings and collages of the artist Elisa Carareto, creators who, with a lot of poetry, sensitivity and talent, explain the quality and potential of female production in the universe of books for children and literature in general.

Keywords: Children's picture book. Female authorship. Writer. Illustrator. Narrative.

1 Introdução

Embora ainda se discuta pouco a participação do feminino na autoria da literatura infantil brasileira e, mais especificamente, na criação de livros infantis ilustrados, escritoras e ilustradoras talentosas vêm, nos últimos anos, desempenhando papel relevante nesses âmbitos, ocupando lugares possibilitados pelo trabalho de autoras que, a partir das décadas finais do século XX, desbravaram caminhos e destacaram-se na escrita e ilustração de livros para crianças.

Seja respondendo, na produção desses livros, somente pela criação da linguagem escrita ou da linguagem visual, ou assumindo a criação de ambas, as artistas contemporâneas, com talento e criatividade, contribuem sobremaneira não só para o fortalecimento da literatura infantil, mas também para o progressivo reconhecimento e valorização da autoria feminina no território literário de modo geral, o que se concretiza, por exemplo, na atribuição de importantes premiações ao seu trabalho.

Se, atualmente, vê-se a participação efetiva de mulheres na literatura, sua inserção nesse campo não ocorreu distanciada de um processo mais amplo de luta por direitos, reconhecimento e participação plena em diversas áreas da vida social historicamente reservadas aos homens. É certo que, em decorrência disso, avanços importantes foram alcançados e, por exemplo, na esfera literária infantil, tem se destacado, em diferentes terrenos da criação e editoração do livro, a participação qualificada do trabalho feminino.

Especificamente em relação ao livro infantil ilustrado, modalidade cuja peculiaridade é a profícua inter-relação de palavras e imagens, da qual emerge a expressão dos significados, no contexto brasileiro vem ocorrendo o surgimento crescente de obras que contemplam, além da criação de protagonistas meninas, adolescentes e adultas, o tratamento de uma variedade de assuntos, entre os quais se incluem os referentes ao universo feminino, dos quais a literatura, a quem cabe tratar dos múltiplos temas humanos, não pode se esquivar.

Assim, no conjunto da produção brasileira desse livro, vêm ocorrendo obras marcadas por excelência qualitativa e criadas por autoras, ilustradoras e projetistas gráficas muito capazes e criativas. Esse é o caso do título *A avó amarela*, das autoras Júlia Medeiros e Elisa Carareto, com projeto gráfico de Raquel Matsushita, avaliado positivamente pela crítica e pelo público leitor, sendo, por isso, muito premiado e reconhecido por sua qualidade literária.

A valorização do trabalho de escritoras e ilustradoras que hoje se inscrevem ativa e competentemente no mercado editorial de livros para crianças e do livro ilustrado, em específico, é fator que contribui para o reconhecimento da relevância da autoria feminina na literatura e, em decorrência, para o enriquecimento desta. A partir dessa compreensão, neste artigo objetiva-se ressaltar, a partir da leitura do referido livro ilustrado e do destaque a sua qualidade artística, a importância da criação sensível e poética de palavras e imagens, por mulheres, para a configuração de comoventes livros ilustrados capazes de, enquanto arte, impactar “nossas valorações, ideias ou experiências de vida” (Bajour, 2012, p. 26).

Com essa pretensão, inicia-se discorrendo sobre os desafios historicamente enfrentados pelas mulheres para inserir-se em meios eminentemente atribuídos e reservados ao gênero masculino, entre os quais a literatura, e deles participar efetivamente. Abordando primeiramente as dificuldades da consolidação da aceitação e do reconhecimento do trabalho artístico das mulheres na literatura em geral, trata também da incursão delas na literatura para crianças, destacando as últimas décadas do século passado, especialmente a de 1970, para que a literatura infantil brasileira

assumisse novas características, percorrendo caminhos inovadores que implicaram a participação de produtivas autoras e ilustradoras que inauguraram caminhos à produção literária de futuras criadoras.

Na sequência, focalizando a produção do livro infantil ilustrado, modalidade que contemporaneamente vem assumindo muito relevo no mercado editorial da literatura infantil, discute a participação cada vez mais efetiva de autoras na criação das palavras e imagens que integram esse livro e, também, o fato de nele as questões femininas serem contempladas tanto no que se refere aos temas quanto à atuação de protagonistas que agem e sentem de modo a realçar os novos papéis e posições das meninas, adolescentes e mulheres na vida social.

Especificando a reflexão sobre a relação entre autoria feminina e essa modalidade de livro, apresenta, na continuidade, a obra *A Avó Amarela*, escrita e ilustrada por duas jovens artistas que, com esse título, fizeram sua estreia como autoras de literatura infantil. A partir do destaque a aspectos do texto escrito e das ilustrações desse livro, objetiva realçar a qualidade do trabalho das autoras que, com a poesia, sensibilidade e delicadeza patentes nas palavras e imagens que criaram, respondem pela construção de um belo livro caracterizado por um eficaz “interdiscurso entre palavras, traços e cores” (Corsino, 2021, p. 93) e que, capaz de promover a emoção estética que nos revela humanos, cumpre qualitativamente o seu papel enquanto arte e arte literária.

2 Mulheres e escrita: dos enfrentamentos e desafios de ocupar espaços na produção literária

Historicamente submetidas a uma segregação social e política que resultou em sua invisibilidade, como sujeitos, em lugares tidos, durante longo tempo, como exclusiva ou predominantemente masculinos, as mulheres vêm travando, no decorrer de décadas, uma intensa luta para resistir e ativamente inserir-se em locais e posições antes negados a elas, entre os quais é possível destacar a ciência e a escrita.

Nesse percurso, inúmeros avanços vêm sendo alcançados, embora muito ainda haja a buscar e construir, afinal, a conquista de posições dentro de uma sociedade patriarcal não acontece sem o enfrentamento de significativos desafios e resistências. Principalmente até o século XX, as mulheres vivenciaram poucas oportunidades de exercer um protagonismo em tais âmbitos, o que justifica o fato de, ainda hoje, continuar sendo necessária a busca pela independência e pelo direito de enfrentar condições iguais às vividas pelos homens.

No que concerne especialmente à escrita, a produção de obras artísticas por mulheres enfrentou, desde os seus primórdios, obstáculos vinculados ao gênero, daí por que, quando as precursoras enveredaram por esse caminho, depararam-se com dificuldades e até com a impossibilidade de criar e assinar suas obras, precisando inclusive, por isso, recorrer a pseudônimos masculinos que permitissem a aceitação e inclusão de seus escritos num território até então exclusivamente reservado aos homens.

A esse respeito, Lopes (2022) ressalta que nas esferas da cultura e da literatura, a experiência feminina sempre foi vista como algo menor. Em virtude disso, particularmente no século XIX, escritoras lutaram contra desconfianças e inseguranças que questionavam o seu papel autoral e sua autoridade discursiva para afirmar e representar determinadas realidades, o que contribuiu sobremaneira para começar a marcar a sua relevância nessa área, embora ainda hoje, no século XXI, o discurso feminino permaneça convivendo com questionamentos e dúvidas.

Para a autora, não foi por acaso que algumas tentativas de ingresso de mulheres no universo das letras aconteceram principalmente através de manifestos e da produção de histórias e poesia para crianças, espaço considerado mais pertinente ao gênero feminino. Esse pensamento é reforçado por Nogueira e Queiroz (2021, p. 204), para quem, no contexto brasileiro, a literatura infantil foi uma das portas abertas para a autoria feminina, já que se permitia às mulheres escrever para esse público, uma vez que se concebia que tudo o que fosse relacionado à esfera infantil deveria ser de sua responsabilidade. Assim, elas “foram beneficiadas com essa abertura, que só foi possível por participarem mais efetivamente do processo educacional das crianças”.

Dalcastagnè (2001) também trata das dificuldades do ingresso das mulheres no campo literário, recorrendo ao pensamento da escritora inglesa Virginia Woolf que, em 1929, realçou os empecilhos que, então, elas precisavam enfrentar para produzir literatura, o que, em sua visão, requeria uma independência ainda pouco vigente para o feminino no início do século XX. Apontava, desse modo, a íntima ligação entre o trabalho com a arte e as condições sociais e materiais enfrentadas pelas mulheres nesse período, quando eram consideradas sujeitos de segunda categoria, portanto, incompetentes para insurgir-se na literatura.

Hoje, quase um século após a manifestação da romancista, mudanças na condição feminina, embora tenham ocorrido, não aconteceram no ritmo e na proporção desejados. Referindo-se especificamente à situação das novas escritoras que, ressalta, são muitas neste início de século, Dalcastagnè (2001, p. 19) salienta o fato de elas ainda buscarem conquistar e ocupar um lugar seu, dentro de um contexto em que vigoram “tradições literárias que foram, quase por inteiro, estabelecidas por autores do sexo masculino”.

Como apontado pela estudiosa em outro texto, as posições legítimas de enunciação ainda são ocupadas predominantemente por homens, que o fazem a partir de sua própria perspectiva social, o que traz como dificuldade o fato de que, mesmo quando sensíveis aos problemas femininos e solidários às mulheres, eles nunca viverão as mesmas experiências de vida delas e, portanto, verão o mundo social a partir de um prisma diferente, num processo em que alguma coisa sempre se perde (cf. Dalcastagnè, 2007).

Objetivando explicar as razões da marginalização da autoria feminina, Lopes (2022), por sua vez, recorre ao pensamento de Schmidt (1995) para discutir os motivos da negação do papel da mulher como sujeito do discurso, capaz de significar e representar. Com base nele, explica que o fundamento disso é encontrado em dois pontos primordiais: na concepção de criatividade postulada pela ideologia patriarcal, para a qual aos homens cabe o papel de criar, enquanto às mulheres cabe o de procriar, e na tradição estética europeia, que estabeleceu a criação artística como um dom masculino.

Nessa perspectiva, existe um atrelamento entre as práticas de uma sociedade assentada no patriarcado, na qual se objetiva a neutralização da mulher, e as práticas culturais discursivas que legitimam esse intuito. Por esse motivo, a inserção das mulheres no universo literário deve ser considerada um ato político e a literatura atualmente produzida por elas representa uma conquista tanto no âmbito identitário quanto no da escritura, já que implica questões como ultrapassar preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino e vencer condicionamentos de uma ideologia que manteve as mulheres às margens da cultura, viabilizando a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (cf. Schmidt, 1995 *apud* Lopes, 2022).

A despeito disso, é fato que, hoje, as mulheres ainda lutam por posição e protagonismo nos meios artístico e, especificamente, no literário, o que justifica a necessidade de trazer a sua autoria para as discussões acadêmicas e, nesse movimento, divulgar e disseminar a leitura de obras produzidas por mulheres, para que seja possível combater esse apagamento e dar lugar a essa produção (cf. Martins; Carrijo, 2022).

Além de conquistarem direitos sociais e políticos, as mulheres abriram espaço em diversos setores, inclusive o editorial, tradicionalmente dominados por homens. Entretanto, eles ainda ocupam a maior parte desse nicho e são os protagonistas e narradores da maioria das obras publicadas, ou seja, “a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas” (Dalcastagnè, 2007, p. 129). Isso também denota o quão tardiamente ocorreu, no caso específico da literatura brasileira, o destaque da voz feminina, que só se evidenciou na segunda metade do século XX, com o destaque de nomes como o de Cecília Meireles.

Na contemporaneidade, como apontam Santos e Ferreira (2022), constata-se a presença de obras de autoras tanto no mercado editorial quanto em acervos de políticas públicas de leitura. Falando a partir de seu mundo, de suas experiências, as mulheres adentraram no fazer literário, tornando-se presença relevante, mas ainda sem a densidade desejada, uma vez que o reconhecimento e a validação acadêmica de sua produção ainda não estão suficientemente consolidados.

Entretanto, como apontado por Dalcastagnè (2001), no Brasil, atualmente, é possível acompanhar o surgimento de uma nova geração de escritoras. Mulheres, em geral na faixa dos trinta, que estrearam em livro nas últimas décadas e que tentam, cada uma a seu modo, ocupar uma posição no âmbito literário brasileiro, o que não acontece como uma tarefa fácil. Assim, advoga que o que venha a constituir uma “escrita feminina” será algo conquistado ao longo do próprio processo de busca, daí as obras dessas jovens autoras merecerem um olhar atento e capaz de considerar sua qualidade e potencialidade.

No caso da autoria feminina de obras voltadas ao público criança, para além da consideração de que esse território contribuiu para abrir as portas da escrita literária às mulheres, em relação à literatura infantil brasileira, especificamente, cabe ressaltar a atuação de escritoras (Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e Ruth Rocha, para citar alguns exemplos) que, a partir da década de 1970, projetaram-se no cenário da criação de histórias para crianças e, com maestria, criatividade e espírito inovador, descortinaram importante caminho para as que as sucederiam.

Tratando das inovações apresentadas por Lygia Bojunga Nunes aos padrões em vigor e às maneiras de, até então, criar livros para crianças no país, Regina Zilberman realça a obra *A bolsa amarela*, central na produção da escritora, como marco que possibilitou uma importante inovação na literatura infantil brasileira: alçar a primeiro plano, na narrativa, aspectos da interioridade dos personagens, sem prescindir da comunicabilidade com o leitor criança. Para a estudiosa,

É como se Lygia apontasse ser possível desvendar o universo interior da criança, por esse ter um conteúdo próprio, com imagens e aspirações, impossíveis de serem simplesmente reduzidas a noções de psicologia infantil ou de psicanálise. A via de criação inaugurada pela escritora revelou-se fértil, vindo a ser enriquecida com a contribuição de outras notáveis escritoras (Zilberman, 2005, p. 73-74).

Outro aspecto ao qual a autora atenta diz respeito à relevância da produção de Ana Maria Machado, desde o final da década de 1970, para a consolidação da literatura infantil brasileira e sua posição entre as mais qualificadas de todo o mundo. Realçando a importância da produção do livro *História meio ao contrário*, num contexto de repressão política imposta por um governo ditatorial, aponta a importância da obra da escritora para o incentivo a uma leitura crítica e questionadora da realidade e o estabelecimento de aportes ao futuro da literatura para crianças em nosso contexto.

A obra de Ana Maria Machado sinalizava, na virada dos anos 70 para os anos 80, que a literatura infantil não apenas se insubordinava contra o sistema vigente, fosse ele o literário, o político ou o econômico. Revelava igualmente que era hora de se fazer uma nova história, “meio ao contrário”, porque, se dava seguimento ao que de melhor a literatura infantil fornecera até então, tinha, na mesma proporção, de procurar seu rumo e traçar os caminhos da estrada que se abria à frente, conforme uma aventura inovadora e plena de desafios (Zilberman, 2005, p. 54).

Na mesma perspectiva, cabe situar o papel crucial desempenhado por Ruth Rocha na história da literatura brasileira para crianças. Posicionando-se politicamente, criou personagens para tratar, alegoricamente, do Brasil dos anos 70, opondo-se à censura e à repressão então vigentes e, por isso, claramente manifestando-se, em suas obras, a favor da livre manifestação das ideias e aos princípios democráticos, dos quais ainda é tão necessário falar.

Referindo-se à década em que o grosso da produção literária dessas autoras contribuiu à renovação dos modos de escrever para crianças no país e à consolidação da literatura infantil brasileira, além de ter dado destaque ao papel da autoria feminina para dar vez e voz às mulheres nesse universo, Zilberman esclarece que

a literatura infantil brasileira viveu uma década de mudanças, lideradas por representantes do sexo feminino que reproduziam, no âmbito da narrativa destinada a crianças e adolescentes, o que se passava na sociedade e na cultura. Em ambos os casos, as mulheres reivindicavam reconhecimento e retribuíam com ações transformadoras. A literatura infantil não apenas mostrou-se coerente com o que ocorria; ela assumiu, em certo sentido, papel de vanguarda, pois foi naquele gênero de livros que apareceu o maior número de escritoras e de personagens femininas no lugar de protagonistas (Zilberman, 2005, p. 88).

Portanto, exercendo contribuição extraordinária à consolidação do gênero, essas escritoras, expoentes da literatura infantil brasileira, estabeleceram um lastro fundamental também ao fortalecimento da atuação das mulheres na escrita para crianças, pavimentando um caminho que seria – e continua sendo – trilhado por várias outras criadoras de histórias e livros para a infância, o que inclui o profícuo campo do livro infantil ilustrado.

3 As autoras no universo dos temas, palavras e imagens do livro infantil ilustrado

Na produção e transmissão de histórias às crianças, a participação feminina sempre assumiu, em nosso meio, papel muito relevante, fato justificado pela condição de, culturalmente, a elas caberem, mais de perto, as iniciativas de cuidado e educação dos pequenos.

Para além da partilha de narrativas, pela oralidade ou através da leitura, nos espaços de casa e da escola, a participação da mulher tem se fortalecido, também, na criação dos textos literários voltados ao público infantil, motivo pelo qual veem-se proliferarem obras de autoras mulheres, tanto no que toca ao texto verbal escrito, quanto às ilustrações, elemento cada vez mais crucial nos livros destinados às crianças. Para Marisa Lajolo e Regina Zilberman,

Como toda produção cultural, a literatura infantil está em constante diálogo com o mundo social e seus valores. Assim como os antigos livros para crianças incorporavam preceitos patrióticos, além de valorizar a passividade infantil, o fortalecimento posterior de movimentos sociais extremamente ativos reflete-se em obras mais atuais. Ao lado de um aumento significativo de mulheres na posição de autoras, diversifica-se igualmente a identidade de heróis e heroínas (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 280-281).

Assim, a literatura para crianças, acompanhando as transformações sociais e culturais, abre-se ao novo e se diversifica, característica que se explicita, de modo cabal, no terreno dos livros infantis ilustrados, modalidade que toma vulto cada vez mais significativo na produção literária para a infância e que tem como especificidade a combinação de visual e verbal, num vasto conjunto de possibilidades de inter-relações entre palavra e imagem (Nikolajeva; Scott, 2011).

A produção recente desses livros, no contexto nacional, além de contemplar propostas cheias de criatividade e surpreendente manejo das interações entre textos, imagens e suportes (cf. Linden, 2011), tem se constituído como território fértil ao trabalho de novos criadores, aqui ressaltando-se o realizado por competentes escritoras e ilustradoras que, na esteira de criadoras que as antecederam e ganharam notoriedade pela qualidade de sua produção, vêm se destacando e ocupando relevante espaço no âmbito da literatura para crianças em nosso meio.

No que concerne especificamente à ilustração, cabe salientar sua relevância na constituição do livro infantil ilustrado e sua articulação com as mensagens verbais, considerando-se que, nele, palavra e imagem desempenham importância paritária, sendo a inter-relação de ambas o que possibilita a expressão dos sentidos. É nessa direção que Salisbury e Styles (2013, p. 56) afirmam que a arte do criador de livros ilustrados implica “pensar em – e se comunicar através de – imagens e palavras”.

Quanto à linguagem visual especificamente, nessa modalidade de livro, a autoria feminina tem se destacado através do brilhante e muito promissor trabalho de criadoras que, na esteira de ilustradoras consolidadas, a exemplo de Angela Lago e Eva Furnari, vêm ocupando, com diferentes técnicas e estilos, além de muita criatividade e competência no manejo dos elementos da linguagem plástica, merecido espaço na composição visual de livros ilustrados. A íntima relação das linguagens verbal e visual na constituição do livro ilustrado infantil é refletida pela ilustradora Ciça Fittipaldi, para quem

Escrita e imagem são companheiras no ato de contar histórias. Os temas estão colocados, em princípio, pela linguagem literária: uma história dá origem a uma imagem; a imagem, por sua vez, dá origem a uma história, que, por sua vez, apresenta-se por meio de uma nova imagem, esta permitindo uma outra história e mais outra, alternativa que logo se transforma em outras imagens, numa cadeia sonora, verbal, textual e imagética dessas “primas” tagarelas, fazendo tranças (Fittipaldi, 2008, p. 103-104).

Estabelecendo uma interessante analogia para caracterizar a articulação das linguagens no livro ilustrado, a criadora realça a relevância de ambas para que uma história seja contada, num processo em que palavras e imagens, num profícuo diálogo, alimentam-se mutuamente, cooperando à construção de um trançado de sentidos.

Na produção desse livro, portanto, a participação de quem cria as imagens é cada vez mais crucial e vem sendo competentemente assumida por autoras muito capazes e cientes do seu fazer, como bem demonstrado por Thais Linhares, ao afirmar o caráter artístico e autoral de seu trabalho como ilustradora: “Se é arte, é expressão do autor da arte, e ilustradores são antes de tudo autores, que contam histórias com cores e formas” (Linhares, 2008, p. 204).

Hoje, além de contemplar a autoria competente de mulheres, a produção do livro infantil ilustrado abarca o tratamento de temáticas referentes ao universo feminino e às questões sociais que o envolvem. A partir, principalmente, dos anos de 1970, quando, como ressaltado, houve uma transformação da escrita para crianças no país, a literatura infantil brasileira vem contemplando tais temas, especialmente através da inserção de protagonistas femininas nas narrativas.

Para Zilberman (2005), na referida década, a construção de personagens meninas e moças que romperam o padrão de fragilidade e dependência, mostrando-se líderes, rebeldes e livres, contribuiu para revolucionar a literatura infantil brasileira, consolidando o tema e o tipo de personagem feminina que, até hoje, se presentifica nos livros para crianças. Nessa perspectiva, criaram-se histórias que subverteram padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal e, com isso, propiciou-se às crianças o conhecimento de temas sobre o mundo feminino, o que antes pouco se cogitava.

Apresentando compreensão similar, Pondé (2018) destaca que, desde então, muitas escritoras da literatura infantil brasileira vêm realçando o protagonismo feminino em suas obras, produzindo livros para crianças e jovens, nos quais é apresentada uma visão desviante daquela estabelecida pelo poder dominante. Referindo-se à produção atual, a autora salienta que, ao contemplar representações sociais da mulher mais adequadas ao contexto pós-moderno, “a literatura infantil contemporânea vem problematizando as mudanças ocorridas no imaginário feminino, como um discurso que aponta para o possível e não apenas para o existente” (Pondé, 2018, p. 157-158). Assim, como refletem Nogueira e Queiroz (2021), com a desconstrução de textos que antes explicitavam claramente as diferenças entre homens e mulheres, abriu-se espaço para uma abordagem mais justa do papel da mulher na sociedade e sua conseqüente valorização. Colomer (2017), por sua vez, pontua que a evolução da imagem de ambos os gêneros na literatura infantil e juvenil reflete tanto avanços quanto lacunas do progresso social na superação da discriminação feminina e que, assim como no âmbito social ainda é preciso consolidar conquistas e continuar progredindo, na seara literária infantil ocorre o mesmo. Para ela,

A reivindicação do acesso da mulher às atividades e condutas tradicionalmente masculinas deu lugar a uma maior presença feminina e a um maior cuidado na descrição de suas características, mas o progresso não aparece suficientemente consolidado e, sobretudo, traz ainda muitas incógnitas sobre o caminho a seguir (Colomer, 2017, p. 73 -74).

Em direção diferente, ao perceber que pouco se avançou nessa literatura quanto ao tratamento das questões de gênero, Ichilevici (2023) avalia que mesmo na década de 1970, quando se operou a referida transformação na produção de literatura para crianças, em termos de temas e formas de apresentá-los, o que se viu foram livros em que personagens femininas assumiam características típicas do masculino, sem que,

junto a isso, tivesse havido o questionamento de estereótipos de gênero. Advoga, assim, que o que ocorreu foi a substituição de uma perspectiva sexista por um viés antissexista, quadro que, segundo a autora, pouco mudou desde então. Para ela,

As décadas finais do século XX, marcadas por revoluções culturais, consolidação dos movimentos de direitos civis, avanços tecnológicos e novos discursos políticos, fazem surgir a necessidade de *novos livros para novas crianças*, com destaque para publicações com temáticas sociais. Mas até os livros explicitamente militantes dos anos 1970, que propagavam um modelo alternativo à literatura infantil tradicional e convencional (não necessariamente equivalentes), muitas vezes limitavam-se à mera inversão de papéis, em que personagens femininas ganhavam características consideradas masculinas, socialmente mais valorizadas. Uma enxurrada de livros que substituem sexismo por antissexismo, em que meninas e mulheres superam situações de discriminação de gênero, mas os estereótipos não são questionados. Poucos adotam uma perspectiva não sexista, em que personagens femininos e masculinos ganham igual destaque, convivem e competem, têm qualidades e defeitos. Aos trancos e barrancos, pouco se avançou desde então. Se na década de 1990, clichês de modelos culturais femininos e masculinos sobreviviam em livros *de menina* e livros *de menino*, mais de vinte anos depois, no final dos anos 2000, pesquisadores e especialistas em literatura infantil constatavam o precário avanço na direção de uma apresentação de gêneros mais igualitária (Ichilevici, 2023, s/p).

Dentro desse cenário que ainda impõe consideráveis desafios, é fato que as mulheres e os temas que a elas se referem fazem-se presentes, hoje, na literatura produzida para as crianças e, também, nos livros ilustrados voltados a elas. Atuando efetivamente na criação das linguagens escrita e visual desses livros, mas também em outras esferas de sua produção, as criadoras manifestam, a partir de uma perspectiva autoral feminina, sua visão sobre as diferentes questões humanas e, com base em seus sentimentos, emoções, memórias e pontos de vista sobre o existir, vêm enriquecendo a literatura infantil com tocantes e divertidas histórias que se concretizam em bonitos e desafiadores livros.

4 Uma avó e seu sorriso de dentes fabricados: o feminino narrando, criando e protagonizando o livro infantil ilustrado

A avó amarela é um livro infantil ilustrado que decorre, em especial, do trabalho de duas mulheres: Júlia Medeiros e Elisa Carareto, ambas realizando, com essa obra, seu primeiro trabalho como escritora e ilustradora de livros infantis, respectivamente. Nascidas no mesmo ano (1986), as jovens autoras, a partir da vivência pessoal de Júlia Medeiros, e de suas lembranças de infância envolvendo Esmeralda, a sua avó amarela, apelido que lhe atribuiu para diferenciá-la da outra avó, a azul, quando as percebeu, numa fotografia, usando blusas de mesmo modelo, mas distintas na cor, criaram um livro ilustrado marcado por muita beleza e sensibilidade. Nele, com palavras e imagens em profícua articulação, narram, da perspectiva da neta, um dia de domingo na vida da avó que recebe, em sua casa, a visita semanal de filhos e netos.

Dada a sua qualidade artística, o título, publicado em 2018, pela Ôzé Editora, embora o texto escrito tenha sido criado em 2012, foi agraciado com inúmeras premiações e inserções em importantes catálogos. Recebeu, como o melhor livro infantil do ano de 2019, o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes do país e concedido anualmente, pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), aos profissionais envolvidos na

criação e produção de um livro, a partir da avaliação da qualidade da produção. Além do mais, conforme o *site* da editora, no mesmo ano, a obra foi incluída no Catálogo White Ravens, seleção anual da International Youth Library, de Munique, Alemanha, e recebeu o Selo Altamente Recomendável, na Categoria Criança, outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

Também em 2019, as autoras foram premiadas por essa Fundação, no seu Prêmio FNLIJ - O Melhor para Criança, como autora e ilustradora revelação, dado que tanto reforça a qualidade de sua produção quanto valoriza, no contexto brasileiro, a criação realizada por novas artistas, recém inseridas no âmbito da literatura para crianças e do livro ilustrado. O reconhecimento da autoria feminina dentro do campo literário voltado ao segmento infantil, inclusive, vem ocorrendo também internacionalmente, a exemplo do prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário voltado à literatura infantil e juvenil do mundo, que em sua edição de 2022 premiou, na categoria de melhor autora, a francesa Marie-Aude Murail, e de ilustradora, a sul-coreana Suzy Lee. Pela poesia manifestada no texto, o escritor mineiro Leo Cunha caracteriza o livro *A avó amarela* como prosa poética, já que nele, com riqueza, confluem narrativa e poesia:

Trata-se efetivamente de um texto em prosa (portanto, composto em frases e parágrafos, e não em versos e estrofes), porém uma prosa que se enriquece e se emprenha de elementos poéticos (seja o jogo de palavras, seja[m] o ritmo e a musicalidade, seja a presença marcante da linguagem figurada, seja, enfim, o próprio lirismo) (Cunha, 2021, p. 100).

Nessa perspectiva, é possível ressaltar que a narrativa concretiza, através dessa esmerada mistura entre prosa e poesia, uma sensível e delicada homenagem à figura da avó, ao redor da qual transcorrem as ações – suas e dos que com ela interagem no decorrer do enredo. Calcada nas memórias que a autora guarda de suas experiências de infância, nos apresenta, com lirismo e sensibilidade, uma protagonista que se alegra com a perspectiva de receber os filhos e netos em casa, num domingo, e de organizar-se para acolhê-los, mas que também se entristece com sua partida, mesmo quando sabe que voltarão no domingo seguinte.

Cabe, portanto, aproximar essa protagonista da visão de Cademartori (2009) sobre as personagens na literatura contemporânea, apresentadas em sua vulnerabilidade aos fatos e às experiências que vivenciam. Para essa autora, é por enfrentarem movimentos e inquietações não muito distintos dos nossos que elas são significativas para nós e nos encantam.

Dessa forma, assemelhando-se às avós que muitos de nós temos ou tivemos, a Avó Amarela é personagem da qual nos acercamos também por nos conduzir a visitar nossas próprias reminiscências, num reencontro com o vivido e sentido. Considerando isso, a ilustradora Elisa Carareto, em conversa com Andréa Menescal, no canal Blumenburg em Foco, na plataforma Youtube, esclarece sua escolha por realizar as ilustrações do livro sem desenhar a avó, de modo a possibilitar aos diferentes leitores a projeção de suas próprias lembranças dentro do cotidiano da personagem-título.

Explica ainda que, com o propósito de criar a narrativa visual a partir de um ponto de vista subjetivo da memória, nesse trabalho em que estreou como autora de um livro infantil ilustrado, buscou construir as ilustrações de modo a deixar espaços abertos para que o leitor possa imaginar e atuar também. Nessa perspectiva, compartilha o entendimento do livro ilustrado como objeto pensado como um todo, em suas diferentes linguagens, contendo vazios que, deixados pelos autores, desafiam os leitores a adentrar

diferentes camadas de sentido e a seguir pistas que potencializam a construção dos significados e a ampliação do olhar (cf. Pastorelli; Viotto, 2021).

No caso específico da linguagem visual, Silva (2020, p. 127) ressalta que é por guardar em si um núcleo narrativo latente, que pode ser acessado a qualquer momento pela mente daquele que lê, que a imagem “instiga a imaginação a ir além, a preencher os espaços vazios do ‘antes’ e do ‘depois’ de seu momento de representação”. Desse modo, uma característica importante do livro infantil ilustrado é a abertura dada pelos autores para que o leitor construa, junto com eles, a narrativa, desempenhando papel ativo no preenchimento dos referidos vazios e na construção do sentido, “em uma espécie de corresponsabilização ou ‘coautoria’ da obra” (Setton; Medrano, 2021, p. 206).

Para produzir imagens capazes de remeter à memória, ao sonho e à lembrança, pano de fundo da história, a ilustradora recorre a uma miscelânea de técnicas que inclui nanquim, guache, aquarela e, especialmente, colagem e colagem com fotografia (Fig. 1). A respeito da colagem, Alarcão (2008, p. 68) realça que, após mais de cem anos desde o início de sua utilização, “a técnica e a linguagem permanecem como forte influência, tanto nas artes gráficas quanto na ilustração contemporânea”.

Fig. 1: Exemplos do uso simultâneo de múltiplas técnicas na ilustração



Fonte: Medeiros; Carareto, 2018.

Além disso, cabe destacar que, com seu trabalho, a ilustradora reforça o caráter poético do texto e, em alguns momentos, também realça o humor nele contido,

especialmente nas referências feitas aos dentes da Avó Amarela, que *passava[m] as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra e, quando “vestidos” pela senhora, brilhavam tanto que pareciam ter sido fabricados e se assemelhavam a um jogo de chá feito de porcelana, ideias com a qual a artista “brinca” ao criar divertidas imagens de uma fábrica de dentes, de onde sai um caminhão carregado de sorrisos, e de um jogo de chá em que, com a colagem de fotografias de bocas, cada peça estampa um sorriso diferente (Fig. 2).*

Fig. 2: Imagens em que a ilustradora realça o viés bem-humorado do texto escrito



Fonte: Medeiros; Carareto, 2018.

Considerando que narrar pressupõe voltar à própria memória para tratar de experiências e vivências (cf. Ferreira, 2020), nesse sensível livro, são as reminiscências de Júlia Medeiros que fundamentam a narrativa, na qual a protagonista é apresentada, pelos contornos do olhar da neta, como a zelosa e ativa avó que, aos domingos, organiza e promove, com dedicação e carinho, a recepção aos filhos e netos em sua casa, sem esquecer do filho que já se foi.

Para Andruetto (2017, p. 150), ao presentificar-se nas expressões artísticas, o narrar nos permite atender à “necessidade de dar conta do que nos acontece, [...] de transmitir fatos dos quais fomos atores, incríveis sonhadores, participantes secundários ou testemunhas”. Como leitores, ao ouvirmos a voz do narrador, somos tocados pela sua subjetividade e convidados a ingressar no pacto ficcional requerido pela leitura. Assim, argumenta a autora:

A intensidade de um escritor se mede pela qualidade do narrador que é capaz de construir, do refinamento do ponto de vista que eleger para narrar uma história e do modo como essa construção alcança credibilidade, coerência e verossimilhança capazes de nos fazer entrar no pacto da ficção. Por esse caminho, lemos ao mesmo tempo certos eventos, intenções e impressões da subjetividade que os transmite (Andruetto, 2017, p. 151).

Acerca da narradora de *A avó amarela*, a criadora do texto escrito, também no canal Blumenburg em Foco, na plataforma Youtube, afirma perceber que ela comporta duas vozes: a da criança que relata as vivências de afeto e amor com a avó e a da adulta que, recorrendo à memória, carrega resquícios dessa criança e, por seu intermédio, revive e interpreta lembranças de significativos laços sob os quais se forjou sua subjetividade. Nessa perspectiva, a compreende como uma “soma de impressões” atreladas às experiências afetivas e, portanto, não como reprodução fidedigna do vivido, visão que se aproxima da defendida por Ferreira (2020), para quem

a memória remete invariavelmente à relação que estabelecemos com o tempo, mas não se restringe a ela, uma vez que não memorizamos, ou rememoramos, a totalidade dos acontecimentos, assim como nossa memória não se fixa na regularidade do que foi experienciado individualmente. Memória remete a escolhas, intencionais ou não, de fragmentos que representam o todo. Não são fiéis ao real, pois se conectam aos afetos e a outras memórias, mas partem do concretamente vivido ou do que é conhecido por meio da tradição (Ferreira, 2020, p. 66).

Cabe, por isso, ressaltar que a narrativa nesse livro ilustrado, mesmo baseando-se em vivências da autora em sua infância e condensando fatos vistos/ouvidos/vividos por ela em ocasiões e tempos diversos, carrega também elementos de invenção e imaginação. Tratando do fundamental trabalho dos artistas escritores, Michèle Petit ressalta a complexidade que caracteriza dizer e transmitir o que é experimentado, daí compreender que

Os escritores são criadores de sentido que tomam o tempo necessário para dar significado a um evento, individual ou coletivo, a uma experiência, singular e universal. São profissionais da observação, que, com um pensamento “divagador” próximo do inconsciente e de seus mecanismos [...], trabalham a língua, movimentam-na, desempoeiram-na de clichês (os bons escritores, pelo menos) (Petit, 2010, p. 285).

Na obra literária em questão, as palavras da escritora Júlia Medeiros, cuja trajetória no universo das artes inclui o teatro e a composição, dão protagonismo à figura da avó, tão cara às suas experiências de criança. A respeito da presença dos avós nas histórias infantis de ontem e de hoje, Teresa Colomer estabelece uma diferença quanto à inserção, em diferentes contextos temporais, desses personagens nos textos para crianças, relacionando-a tanto à ampliação da expectativa de vida, que traz consigo outras formas de participação dos idosos na sociedade, quanto à mudança da visão do papel das mulheres, inclusive as de mais idade, no contexto social. Destaca, nessa direção, que

É bem sabido que os avós foram figuras muito presentes nas narrativas infantis. Esta figura permitia utilizar personagens adultos que, livre[s] das obrigações educativas, podiam estabelecer relações de cumplicidade com os meninos e meninas, em um ponto justo de equilíbrio para ajudá-los em suas

aventuras sem restringir sua iniciativa. Mas, nas obras atuais, os avós – e, sobretudo, as avós – mostram um caráter mais empreendedor que nas obras anteriores. Isso se deve ao fato de que a mudança de caráter atribuído às mulheres alcança também as anciãs e, principalmente, que o prolongamento da esperança de vida em nossa sociedade faz que os avós possam ainda trabalhar, ter uma vida independente e, inclusive, apaixonar-se de novo (Colomer, 2017, p. 201).

A avó retratada na obra é apresentada como acolhedora e atenciosa, uma vez que cozinha, todos os domingos, *a santa ceia* que servirá, na grande mesa que ocupa toda a varanda da casa, aos *mais de doze apóstolos* que vêm visitá-la. A lembrança desse móvel e das experiências que, na infância da autora, ocorriam em torno dele justifica a imagem inicial escolhida por ela para desencadear a narrativa, ao longo da qual ainda se ressaltam, pelos olhos da neta narradora, as iniciativas da senhora no intuito de aprontar o necessário ao almoço da família: acordar antes do dia para ir à feira buscar o galo encomendado, matá-lo longe dos olhos das crianças e cozinhar muitos pratos e sobremesas distintos, de modo a atender às preferências de cada filho.

A amorosidade dessa avó também é aspecto de destaque no texto de Júlia Medeiros, ao relatar a visita semanal da senhora ao cemitério, no caminho de volta da feira, para visitar o “Filho Preto e Branco”, caracterização que, além de denotar as cores da fotografia do militar na lápide do túmulo, presta-se a diferenciar esse filho dos demais, os “Filhos Coloridos” que comparecem ao almoço dominical. Com esse intuito, numa página específica do livro, enquanto o texto verbal escrito afirma que *Por trás do vidro côncavo e grosso, o Filho Preto e Branco aguardava, de farda, pelas flores que enfeitariam o seu silêncio*, a ilustração mostra o retrato em preto e branco de um jovem fardado, centralizado na página ímpar e rodeado por diferentes flores coloridas. Nessa tocante obra, portanto, um texto escrito cheio de sensibilidade e implícitos alia-se a ilustrações que narram e complementam o expresso pelas palavras, compondo uma totalidade que emociona e encanta.

A “boca fabricada” (a dentadura) da avó é elemento central da narrativa, marcando a descrição do início do dia de receber seus filhos e netos (*Vó Amarela amava os domingos. Acordava antes do dia e se aprontava sem dar um pio, por ainda estar sem a sua boca*) e, também, o seu término, quando se deitava mais cedo, após novamente repousar seu sorriso no copo sobre o criado-mudo. Além desses momentos, ao longo do enredo ainda acontecem referências à boca/ao sorriso da avó, tanto quando se apontam suas tristezas e dores pela saudade do filho morto, quanto suas alegrias e sonhos pela esperança de ser contemplada no sorteio da televisão e poder aparecer nela, como demonstram os seguintes trechos:

O resto do caminho era feito de saudade e lágrima. Era como se a boca da minha avó voltasse a repousar ao lado da cama depois de engolir todo o barulho do mundo. (A Avó Amarela tinha dentro dela um lugar reservado para o vazio).

O sorriso de louça inglesa convocava os netos para conferir o resultado do sorteio na televisão.

Assim, a humanidade da personagem e sua aproximação de muitas avós reais e comuns são reforçadas pela referência a suas tristezas, alegrias e até ao “defeito” de inibir a ajuda das noras nas tarefas domésticas, por querer as coisas feitas apenas do seu jeito. Também, e talvez principalmente, por querer, como é praxe no agir das avós,

prolongar o tempo junto aos netos e criar formas de garanti-lo. Nessa perspectiva, a Avó Amarela, diante da iminência da partida dos familiares no final do dia, fazia o convite para um lanche que lhe garantisse *um bônus de família* e lhe permitisse, organizando regalos gastronômicos igualmente divididos entre todos, permanecer entre os netos no decorrer da semana. Como observado pela neta narradora, sua avó *cozinhas lembretes* para, assim, *encolher as lonjuras*, num rico trabalho com a linguagem que, possibilitando “que o leitor entre em contato com o potencial rico e expressivo de imagens subjetivas, metafóricas e ambíguas” (Azevedo, 2005, p. 44), é fator instigante nos livros literários infantis.

O desfecho da narrativa também é marcado pelo lirismo manifestado por palavras e imagens. Após despedir-se dos filhos e netos no portão, a Avó Amarela vê os carros partirem e, diante dos acenos e caretas dos netos amontoados nos vidros de trás dos veículos, mostra-se triste, o que fica subentendido na fala da narradora, ao destacar o sorriso já saudosos da avó diante das brincadeiras das crianças: *Minha avó meio que ria, acenando de volta*. Sua tristeza também é realçada pela ilustrações finais do livro ilustrado, nas quais a cor preta no fundo das páginas (Fig. 3) denota a chegada da noite desse dia em que a Avó Amarela, com nostalgia, repousa *seu sorriso num copo cheio de lágrimas* e espera o domingo vindouro.

Fig. 3: Páginas duplas finais do livro, com plano de fundo na cor preta



Fonte: Medeiros; Carareto, 2018.

Fundamentando-se nas memórias e palavras de Júlia Medeiros, lindamente ilustradas pelos desenhos, pinturas e colagens de Elisa Carareto, esse tocante livro cheio de sensibilidade, poesia e afeto é prova da qualidade que vem caracterizando a produção da autoria feminina na criação do livro infantil ilustrado. Dando prosseguimento a uma

história marcada pelo trabalho exitoso de outras autoras também premiadas, essa obra de estreia das criadoras na literatura para crianças, pelo reconhecimento recebido, as impulsiona à continuidade de sua incursão nesse âmbito, bem como motiva outras mulheres a fazê-lo, denotando o considerável potencial da produção feminina no universo dos livros para crianças e da literatura em geral.

5 Considerações finais

Decorrendo da luta histórica das mulheres por espaço e reconhecimento em diferentes esferas sociais, a participação feminina no território literário conquista progressiva aceitação, embora muito ainda haja a buscar e percorrer para que receba a devida importância.

No que concerne à produção de literatura infantil, campo no qual a participação de mulheres sempre foi melhor aceita, hoje vê-se aparecerem novas, capazes e produtivas autoras que têm criado surpreendentes obras, como é o caso do livro infantil ilustrado *A avó amarela* que, de modo tocante e sensível, mas também com humor e leveza, narra, com palavras e imagens cheias de afeto e poesia, as memórias de uma neta sobre um domingo na casa da avó.

Fruto da arte das jovens criadoras Júlia Medeiros e Elisa Carareto, que com essa obra se lançaram no território literário para crianças, o livro, contemplado com os principais prêmios destinados à produção de literatura infantil no país, é exemplo do fortalecimento da participação de autoras nesse âmbito e, dentro dele, na criação de livros ilustrados com evidente qualidade estética.

A aceitação e valorização do trabalho de novas e promissoras autoras são fatores que, além de consolidar um lugar que começou a ser ocupado, nas décadas finais do século XX, por escritoras e ilustradoras talentosas que alçaram a literatura infantil brasileira a um nível qualitativo reconhecido mundialmente, também têm contribuído para alargar os espaços ocupados pelas mulheres na criação literária e, especificamente, na criação de literatura para crianças. Fomentam, com isso, o surgimento de outras obras muito qualificadas, em que palavras e imagens construídas por autoras mulheres manifestam, entre outros elementos, a poesia, a sensibilidade e o humor tão necessários à literatura que, enquanto arte, promove experiências estéticas capazes de comover, encantar e fazer refletir sobre o que se vive.

Referências

ALARCÃO, R. As diferentes técnicas de ilustração. In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 60-73.

ANDRUETTO, M. T. *A leitura, outra revolução*. Tradução: Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

AZEVEDO, R. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 25-46.

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas*: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CADEMARTORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Série Conversas com o Professor; 1)

COLOMER, T. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

CORSINO, P. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In: MACEDO, M. S. A. L. (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 93-107.

CUNHA, L. Vamos folhear a poesia! In: GOMES, A. de C.; BARRETO, C. (Org.). *Literatura infantil e juvenil: aprendizagem e criação*. Divino de São Lourenço, ES: Semente Editorial, 2021. p. 87-107.

DALCASTAGNÈ, R. Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 11, 2001, p. 19-26. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8866>. Acesso em: 8 ago. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, FALE/UFMG, Belo Horizonte, v. 15, 2007, p. 127-135. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.127-135>. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em: 9 ago. 2023.

FERREIRA, L. H. *Educação estética e formação docente: narrativas, inspirações e conversas*. Curitiba: Appris, 2020.

FITTIPALDI, C. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 92-121.

ICHILEVICI, V. Princesa intrépida e as arapucas do sexismo na literatura infantil contemporânea. *Revista Emília, Polêmicas e Reflexões*, 24 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://emilia.org.br/princesa-intrepida-e-as-arapucas-do-sexismo-na-literatura-infantil-contemporanea/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

LINDEN, S. V. der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINHARES In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 60-73.

LOPES, D. Marina Colasanti na voz de uma moça tecelã. In: GALVÃO, E.; RICHE, R. C. (Org.). *Literatura infantil e juvenil de autoria feminina: reflexões sobre valor estético e formação do leitor*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 185-207. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2022/11/LitInfjuvAutFem.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

MARTINS, F. S. S.; CARRIJO, S. A. B. A coragem de Ana Preciosa e uma reviravolta de destinos: a descoberta do que por pouco não se perdeu. In: GALVÃO, E.; RICHE, R. C. (Org.). *Literatura infantil e juvenil de autoria feminina: reflexões sobre valor estético e formação do leitor*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 62-86. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2022/11/LitInfjuvAutFem.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

MEDEIROS, J.; CARARETO, E. *A avó amarela*. São Paulo: Ôzê, 2018.

NIKOLAJEVA, M., SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOGUEIRA, N. H. A.; QUEIROZ, F. R. R. O desenvolvimento da autoria feminina na literatura infantil brasileira. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 22, n. 39, p. 203-222, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2906/1970>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PASTORELLI, V. B.; VIOTTO, D. G. Como e por que ler livros-álbum que abordam temas considerados tabus para a infância. In: TAVARES, C.; WEISZ, T. (Org.). *Literatura e educação*. Porto Alegre - RS: Zouk, 2021. p. 171-203.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PONDÉ, G. *A literatura na escola: uma questão de gêneros*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. Tradução: Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2013.

SANTOS, T. R. L.; FERREIRA, E. A. G. R. Literatura juvenil de autoria feminina e formação do leitor: uma leitura e Anne de Green Gables, de L. M. Montgomery. In: GALVÃO, E.; RICHE, R. C. (Org.). *Literatura infantil e juvenil de autoria feminina: reflexões sobre valor estético e formação do leitor*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 34-61. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2022/11/LitInfjuvAutFem.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

SETTON, L.; MEDRANO, S. Leitura e mediação de livro-imagem: quando a imagem fala. In: TAVARES, C.; WEISZ, T. (Org.). *Literatura e educação*. Porto Alegre - RS: Zouk, 2021. p. 205-224.

SILVA, V. M. T. *Ler imagens, um aprendizado: a ilustração de livros infantis*. Goiânia: Cànone Editorial, 2020.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.